

## Um ESTUDO ENUNCIATIVO DO MARCADOR PREPOSICIONAL “DE”

Síndea Botelho Mascarenhas Leite <sup>1</sup>  
Isabela Barbosa do Rego Barros <sup>2</sup>

### RESUMO

O trabalho dedica-se à análise específica da preposição *de* e sustenta que ela é estabelecida por gramaticalização que tem valor semântico espacial ou temporal. *De* é um exemplo de item lexical que possui nitidamente as características atribuídas às preposições: resulta de um processo de gramaticalização; pode exercer função de indicação espacial; e é uma unidade lexical com valor semântico fortemente dependente do contexto sintagmático no qual se encontra. Para isso, a Teoria da Enunciação, segundo Émile Benveniste, que estuda o homem na língua, compreenderá esse termo em funcionamento na língua. A partir dos estudos enunciativos de Benveniste, afirma-se que a língua depende da dupla definição de sentido, de unidade e de língua, uma vez que esta pode ser analisada como sistema de signos e comunicação intersubjetiva, ou seja, a língua enquanto discurso. Dessa forma, o trabalho procura investigar o sentido, a partir do marcador preposicional ‘de’, em enunciados da Língua Portuguesa e em outras Linguagens, como a matemática. Nesse sentido, os estudos enunciativos de Émile Benveniste (1988, 1989) fundamentarão teoricamente a pesquisa, uma vez que o autor menciona através da análise dos marcadores dêiticos (pessoa, tempo e espaço) a presença do sujeito na língua, fundamental para o encontro do sentido textual. Assim, para estudar o sentido das preposições, usaremos os aspectos metodológicos que consistem em analisar enunciados presentes em livros didáticos e em provas, como as do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Desta forma, esta pesquisa se caracteriza pelo cunho qualitativo do tipo documental, tendo em vista, que pretendemos direcionar outro tratamento analítico às provas mencionadas.

**Palavras-chave:** Perspectiva enunciativa, sentido, dêixis, sujeito, Língua Portuguesa.

### INTRODUÇÃO

O trabalho dedica-se à análise específica da preposição *de* e sustenta que ela é estabelecida por gramaticalização que tem valor semântico-espacial. Dois motivos levaram-nos a estudar a preposição *de*. O primeiro é o fato de a preposição *de* ser a mais usada no português.

O segundo motivo deve-se a seu possível reconhecimento como um protótipo preposicional. *De* é um exemplo de item lexical que possui nitidamente as características atribuídas às preposições: resulta de um processo de gramaticalização; pode exercer função de

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, [sindea.2020600118@unicap.br](mailto:sindea.2020600118@unicap.br) ;

<sup>2</sup> Doutora pelo Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba, [isabela.barros@unicap.br](mailto:isabela.barros@unicap.br) ;  
[www.coneil.com.br](http://www.coneil.com.br)  
[contato@coneil.com.br](mailto:contato@coneil.com.br)

indicação espacial; e é uma unidade lexical com valor semântico fortemente dependente do contexto sintagmático no qual se encontra.

Enunciação! Segundo a maioria dos dicionários, é um ato individual que o falante usa a língua, em uma dada situação comunicativa. Ou seja, enunciação se refere a uma atividade social em uma interação a qual a língua é posta em funcionamento por um enunciador, com um enunciatário. O primeiro é aquele que fala/escreve; já o segundo, é aquele para quem se fala/escreve.

Bakhtin, Benveniste e Ducrot estão entre os autores mais citados quando se discute Enunciação. Assim, o presente ensaio abordará sobre a Teoria da enunciação, especialmente segundo Benveniste (1988; 1989), com o objetivo de compreender melhor como se desenvolve a relação entre o sujeito e o seu discurso. A relevância desse estudo se justifica por permitir uma investigação acerca da linguagem escrita a ser estudada futuramente. Tal teoria traz o entendimento da língua em funcionamento, principalmente quando se diz respeito a “homem na língua”. A partir disso, a pesquisa irá investigar o possível sentido assumido pelo marcador preposicional *de* em enunciados da Língua Portuguesa sob a perspectiva enunciativa, sobretudo a representação da subjetividade nos enunciados.

Benveniste foi o primeiro linguista a desenvolver uma teoria linguística que engloba as dimensões do sujeito e sua marca no discurso, a partir do pensamento de Saussure (FLORES, 2014). Esta teoria foi denominada como Teoria da Enunciação, a qual supõe um sujeito, mas não faz teoria sobre ele, porque seu interesse é no sentido.

A teoria da enunciação caracteriza-se por considerar o sujeito como centro de reflexão da linguagem, distinguindo enunciado (o já realizado) de enunciação (ato de produzir o enunciado). O que interessa, portanto, naquilo que ele diz. A consideração de formas das línguas que se define a partir do seu uso pelo sujeito levou ao estudo da subjetividade na linguagem, que o locutor se apropria dessas formas, instituindo-se como *eu* e, ao mesmo tempo, definindo seu interlocutor como *tu*. Em direção distinta, aparece a enunciação como fenômeno social, em vez de individual, na relação entre sujeito e sociedade. Aqui, a palavra é dialógica e é determinada tanto por quem a emite quanto para quem é emitida. Esse percurso enunciativo, que procura, particularmente, colocar o sujeito no centro da reflexão da linguagem, destaca-se Benveniste como precursor. Nessa perspectiva, o sujeito é a origem do sentido e implanta o outro diante de si.

A preposição ‘de’ é estabelecida por gramaticalização que tem valor semântico espacial ou temporal. ‘De’ é um exemplo de item lexical que possui nitidamente as

características atribuídas às preposições: resulta de um processo de gramaticalização; pode exercer função de indicação espacial; e é uma unidade lexical com valor semântico fortemente dependente do contexto sintagmático no qual se encontra (CASTILHO, 2012).

Para isso, o trabalho será embasado nos estudos de Émile Benveniste, o qual expandiu internacionalmente a Teoria da Enunciação. Assim, parte-se das concepções estruturalistas sobre o ato da enunciação desse autor, uma vez que seu pensamento sobre a linguagem estabelece uma relação direta com o sujeito que faz uso de um sistema linguístico, mas que, a partir do discurso, constrói uma semântica própria.

A análise da preposição *de*, com base nos estudos enunciativos, postulados por Benveniste, permite uma investigação acerca da linguagem escrita bem particular. Tal particularidade permite verificar e entender a língua em funcionamento. Pois, é apenas em um contexto enunciativo que se pode firmar o entendimento a respeito do “homem na língua”. Diante disso, observou-se questões inquietantes, como quais as relações de sentido que têm a preposição *de*, ligada à interpretação de texto que perpassam outras disciplinas diferente da Língua Portuguesa.

Dessa maneira, a Teoria da Enunciação, segundo Benveniste, defende o sujeito na língua, o qual não se apresenta como figura, no entanto “como categoria linguística, sujeito que diz e que se diz” e isso “depende de como o sujeito se marca no sistema da língua” (FLORES, et al, 2008, p. 77).

Ou seja, o homem, para Benveniste, tem “a faculdade de *representar* o real por um “signo” e de compreender o “signo” como representante do real, de estabelecer, pois, uma relação de “significação” entre algo e algo diferente” (BENVENISTE, 1988, p. 27). Logo, Benveniste analisa a enunciação da linguagem.

Assim, a teoria da enunciação estuda as marcas do sujeito no enunciado e não o sujeito em si. Ela supõe um sujeito, mas não faz teoria sobre ele, porque seu interesse é no sentido. Segundo Benveniste, essa teoria caracteriza-se por considerar o sujeito como centro de reflexão da linguagem, distinguindo enunciado, o que já foi realizado, de enunciação, ou seja, o ato de produzir o enunciado (BENVENISTE, 1989).

Segundo Guimarães (2002, p. 45), “ele [Benveniste] procura manter o sistema como fechado em si, mas que tem paradigmas próprios para a constituição da subjetividade, ou melhor, da intersubjetividade da linguagem” [acréscimo nosso]. Pois, Benveniste discute o sujeito na língua(gem), ou seja, a língua e a linguagem ao mesmo tempo.

Podemos perceber isso, quando ele aborda os modos de significância, em um de seus textos: Semiologia da língua, no PLG II, sobre o semiótico e o semântico. Pois, este se refere ao processo de compreensão das mensagens veiculadas por signos, considerando a questão da referência e a da língua em funcionamento, em ação. Já aquele, refere-se à língua como sistema de signos em que cada elemento mantém a própria identidade na relação com outros elementos do sistema. Assim, entende-se o modo benvenistiano de ver a teoria da subjetividade na língua.

Benveniste defende que é no funcionamento da língua que o signo passa a existir. Para o autor, já que a linguagem está no homem, então só ela fundamenta na realidade, que é a do ser, a subjetividade.

A “subjetividade” de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”. Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo (...), mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência (BENVENISTE, 1988, p. 286).

Essa consciência, que é a partir do ego, é pela polaridade no emprego do *eu* e, ao mesmo tempo, quando o *eu* se dirige a alguém, na “alocução um *tu*”. Isso será recíproco por um diálogo, quando o *eu* for *tu* e o *tu* for *eu* também, assim “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso” (ibidem). Por isso, enquanto o sujeito usa a língua, esta o ensina a representá-lo.

A enunciação de Benveniste analisa a linguagem, logo a língua e a fala também, mas ele não reduz à língua como sistema, nem a fala como forma prática e individual do sistema. Os elementos de pessoa, espaço e tempo, por exemplo, não somam à língua, mas fazem parte dela (NORMAND, 2009). Isto é, a língua é dada pela enunciação, e manifestada pelo discurso. Então o locutor utiliza a língua “para se enunciar e produzir o discurso”, já que “a enunciação é o ato de produzir enunciado”, ou seja, “pela enunciação a língua se converte em discurso” (Ibidem, p. 16).

Benveniste aborda “a *língua* como instrumento do qual o locutor se apropria e estabelece sua *enunciação*”, pois o locutor “ao se apropriar do aparelho formal, torna significantes as palavras vazias da língua, colocando na posição de locutor e instaurando o interlocutor, o espaço e o tempo em seu discurso” (Ibidem). Logo, Benveniste estuda a forma e o sentido para definir a noção de enunciação, uma vez que “forma e sentido só se definem

um pelo outro e devem juntos se articular em toda a extensão da língua” (BENVENISTE, 1988, p. 126).

Por isso, os estudos da enunciação de Benveniste contribuíram e contribuem significativamente não só para a linguística moderna com conceitos fundamentais, como também o de subjetividade, e com a revisão da noção de língua/linguagem e sentido.

Consoante Benveniste,

A epistemologia é a teoria do conhecimento. Como é adquirido este conhecimento, isto não está dito por antecipação. Há muitas possibilidades de epistemologia. A linguística é uma epistemologia, pode-se considerá-la como tal (1989, p.38).

Para entender essa reflexão benvenistiana, é preciso reconhecer que ela se organiza em uma máxima de base, quando ele diz que o homem está na língua, é um operador da teoria, ou seja, aquele que permite o exercício dessa máxima, a qual é a enunciação. Esta é um dispositivo que faz funcionar a partir do homem, em sua subjetividade, ou seja, é colocar a língua em um ato individual de utilização.

Assim, o objeto de estudo de Benveniste é a língua enunciada por esse sujeito. Tomando como exemplo a máxima *O homem está na língua*, que contém dois conceitos primitivos: homem e língua. Como ele disse, “A “subjetividade” de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”” (BENVENISTE, 1988, p. 286).

Benveniste (1988, p.57) relaciona o signo à realidade: “o signo encobre e comanda a realidade; ele é essa realidade”. Esta relação é arbitrária, mas há uma relação entre o significado e o significante, a qual é necessária para que o signo exista, ou seja, “o arbitrário é que um signo, mas não outro, se aplica a determinado elemento da realidade, mas não a outro” (p.56) e que “o arbitrário só existe aqui em relação com o fenômeno ou o objeto *material* e não intervém na constituição própria do signo” (p.57).

O autor diz que é preciso ultrapassar a noção do signo e da linguagem como sistema, por ser intralinguístico, abrindo dimensão de significância (BENVENISTE, 1989). Pois, Benveniste (Idem) afirma que dizer o sentido é dizer o que algo fala, ou seja, isso fala a partir das possibilidades de fazer sentido, abstrai o seu valor filosófico, moral e religioso – conhecimento de mundo. É a busca do sentido em sua especificidade linguística que comanda o discurso sobre a língua.

Na teoria da enunciação, Benveniste discorre como parte fundamental a intersubjetividade, pois “o que em geral caracteriza a enunciação é a acentuação da relação

discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (BENVENISTE, 1989, p.87), por isso diz que “o homem está na língua” sob a seguinte condição:

A intersubjetividade tem assim sua temporalidade, seus termos, suas dimensões. Por aí se reflete na língua a experiência de uma relação primordial, constante, indefinidamente reversível, entre o falante e seu parceiro. Em última análise, é sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem (Idem, p. 80).

Dessa forma, a teoria de Benveniste considera o sujeito parte central da linguagem, diferenciando enunciado de enunciação. Então, com as definições de língua, quando o sujeito a usa, tem-se o estudo da subjetividade na linguagem, pois o locutor se apossa dessas definições, determinando-se como *eu* e o seu interlocutor como *tu*.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa foi fundamentada na Teoria da Enunciação, de Émile Benveniste, apresentada nas obras Problemas de Linguística Geral, volumes I e II, de cunho qualitativo do tipo documental. A seleção de enunciados da Língua Portuguesa, seja em livros didáticos, seja da prova do ENEM, tem como critério a compreensão e construção de sentido. Não haverá sujeitos analisados envolvidos com a pesquisa, por isso o referido projeto não será submetido à aprovação do Comitê Científico e de Ética da Universidade Católica de Pernambuco.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Benveniste analisa a língua, defendendo que ela é completa de significação e é a partir disso que é estruturada, portanto é condição para o seu funcionamento. Então a realidade, o mundo, é reproduzida pela linguagem, mas se sujeita a uma organização própria, complementando-se (BENVENISTE, 1988). Pois, “A língua, na enunciação, também é usada em condições de tempo (agora), espaço (aqui) e pessoa (eu-tu)” (FLORES & TEIXEIRA, 2011, p. 414).

Assim, o autor define a língua como um sistema de dupla significância:

A língua é o único sistema em que a significação se articula assim em duas dimensões. Os outros sistemas têm uma significância unidimensional: ou

semiótica (gesto de cortesia; *mudrās*), sem semântica; ou semântica (expressões artísticas), sem semiótica. O privilégio da língua é comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação. Daí provém seu poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância (BENVENISTE, 1989, p. 66).

Benveniste (1989, p. 82) tem como objeto de estudo a enunciação, a qual define como “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Logo, tem-se a língua como uma expressão da relação do signo com o contexto; a língua como o uso em sociedade, pois o social é de natureza do homem e da língua (Idem).

Dessa forma, a linguagem dá um status de sujeito ao indivíduo, constituindo-o, pois “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego”” (BENVENISTE, 1988, p. 286).

a descrição semântica de uma língua, considerada como conjunto de frases ou de enunciados, não só não pode ser acabada, como não pode ser empreendida de forma sistemática, se não mencionar, [...] certos aspectos da atividade linguística realizada graças a essa língua (DUCROT, 1987 *apud* FLORES, 2009, p. 19).

A linguagem está representada em tudo o que fazemos. É a partir dela que se tem as relações entre as pessoas. Tudo isso só acontece, seja aprendendo ou ensinando ao outro, porque utilizamos a linguagem. Por isso que, com a ausência desta, seria impossível a convivência humana e as relações sociais.

Diante disso, a importância da linguagem para a existência de uma sociedade é compreendida, quando se utiliza das diversas manifestações para interagir com o outro e o que o rodeia, colaborando na própria cultura e história. Logo, a linguagem tem um lado individual e outro social. Assim também é na linguagem matemática, a qual gera um conhecimento que compreende e atua no mundo como um resultado da construção humana, a qual interage constantemente com o próprio contexto.

Para compreender o sentido de um termo, Benveniste (1988) explica a partir dos níveis da língua, pois afirma que se centram nas unidades de análise. Estas são definidas de forma que estejam em função da própria integração em outra unidade de nível superior.

Uma unidade só é vista como constitutiva por integrar o nível superior, que é a frase, e o inferior, que é o morfema, o qual se determina por ser integrante, e a frase por ser

constituente. Dessa forma, essa relação distinta conduz a relação de forma e sentido, articulados na língua (BENVENISTE, 1988).

As unidades de nível inferior da análise são o fonemático e o merismático. O primeiro está para os fonemas, enquanto o segundo, para a análise linguística. Dessa forma, há duas relações em um nível de análise linguística: a distribucional, a qual se relaciona a elementos do mesmo nível, e a integrativa, relacionando-se com níveis diferentes, segundo Benveniste (1988), que explica a partir da noção de forma e sentido.

A forma está ligada a uma unidade linguística e demarca-se “[...] como a sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior” (BENVENISTE, 2005, p. 135). Assim, obtêm-se seus elementos formais, sendo um signo livre.

Já o sentido, também o aponta para uma unidade linguística que pode integrar um nível superior, ou seja, um signo em conjunto. Pois, no funcionamento da língua, forma e sentido desenvolvem-se em conjunto e de maneira inseparável, portanto elas não são opostas (BENVENISTE, 1988).

No nível superior, há o sentido, imprescindível na língua, que tem, por unidade mínima, a palavra. No entanto, o sentido não está na palavra em si, mas, na relação dela com outras, ou seja, a própria frase.

O sentido é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter status linguístico. Dizemos realmente a respeito de todos os níveis: o fonema só tem valor como discriminador de signos linguísticos, e o traço distintivo, por sua vez, como discriminador dos fonemas. A língua não poderia funcionar de outra maneira. Todas as operações que se devem praticar no seio dessa cadeia pressupõem a mesma condição (BENVENISTE, 1988, p. 130).

A frase, que é o último nível, é a unidade superior da palavra, e mesmo não sendo seu segmento, constitui um todo. Já a palavra, a menor unidade, faz parte da frase com uma significação, que pode ser diferente da que tem quando em unidade individual, independente.

A palavra tem uma dupla natureza, ou seja, pode dividir-se em unidades fonemáticas, quando é monofonemática, ou ser unidade significativa e relacionar com outras unidades significantes (BENVENISTE, 1988).

A palavra pode assim definir-se como a menor unidade significativa livre susceptível de efetuar uma frase, e de ser ela mesma efetuada por fonemas. Na prática, a palavra é encarada sobretudo como elemento sintagmático, que constitui enunciados empíricos. As relações paradigmáticas têm menos



importância quando se trata de uma palavra em função da frase (Idem, p. 132).

A relação entre palavra e frase dar-se por elementos de mesmo nível, *relações distribucionais*, e elementos de nível diferente, *relações integrativas*. O primeiro refere-se à estrutura da língua, enquanto o segundo, às unidades significantes na língua. Por isso, “os fonemas, os morfemas, as palavras (lexemas) podem contar-se; existem em número finito. As frases não.” (BENVENISTE, 1988, p. 139). Para o autor, a frase é composta por signos, na verdade ela é o próprio signo. A frase é parte do discurso, é indefinida, porém “é a própria vida da linguagem em ação, [...] o domínio da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso”. Ela é “uma unidade completa que traz ao mesmo tempo sentido e referência: sentido porque é enformada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação”, pois “É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem” (Idem, p. 140).

Desta forma, a sociedade não é vista sem a língua, “porque sem ela não há nem homem, nem sociedade” (FLORES, 2013). E por ser caráter da linguagem, isso “deve-se ao fato de que tem significação” (Idem). Por isso, Benveniste define a língua como intersubjetiva, como unidade a frase e um sistema de signos referenciais.

Flores (2013) aborda duas definições, em Benveniste, para ‘sentido’ e outras duas para ‘frase’. No primeiro, ele destaca a capacidade de um elemento linguístico de nível inferior integrar um nível superior e a possibilidade de resposta à pergunta “qual é esse sentido?”. Já no segundo, a frase, defende como nível superior da análise linguística e sinônimo de discurso – seja de caráter formal, seja de caráter enunciativo, respectivamente.

Benveniste aponta o domínio semântico a partir da natureza da frase, pois introduz-se “no domínio da língua em emprego e em ação” (BENVENISTE, 1989 *apud* FLORES, 2013). É isso que o autor traz de “novo”, a frase sendo analisada não mais apenas por uma visão semiótica, mas também como a língua que é mediadora entre os homens.

Na verdade, para Benveniste, ambos, semiótico e semântico, “andam” juntos, relacionando-se entre si. Assim, a palavra é a unidade do semântico, encontrada na frase. Logo, qual serão a forma e o sentido do semântico? O *sintagma* e a *ideia* que a frase expressa, respectivamente (FLORES, 2013). Elementos que constituem o discurso e são imprescindíveis nele.

Na Língua Portuguesa, com a preposição *de*, objeto de estudo da presente pesquisa, pode-se ter diversos sentidos como no seguinte exemplo: *O sonho de minha mãe sempre foi*

viajar para Fernando **de** Noronha e morar em uma casa **de** tijolo, com teto **de** gesso e com alguns móveis. Ela sempre dizia que gostava **de** paz e que, em um lugar assim, viveria com mais qualidade **de** vida e sem os aborrecimentos **da** cidade. Assim, têm-se elementos essenciais que ligam entre si determinadas palavras, estabelecendo relações de complementação e de sentido, como posse, lugar, especificação, matéria, entre outros.

Ou seja, a falta de conhecimento linguístico (decodificação por meio do domínio de aspectos sintáticos, lexicais) e compreensão de leitura (decodificação do domínio de aspectos semânticos) interferem de alguma forma na construção do conhecimento matemático (Idem).

Assim, a compreensão de um termo com sentido vazio quando sozinho, como é o caso da preposição *de*, pode expressar um sentido, quando em relação com outros termos, por ações cognitivas, construída de forma individual pelo sujeito. Ou seja, este sujeito é ativo, agindo no mundo, pois não se desvincula do social. Dessa forma, o sujeito é o próprio signo, o qual é compreendido e compreende em relação ao outro, pois se faz e se constitui nas relações significativas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi motivada pelo interesse em investigar como Émile Benveniste observa a linguagem em seu uso, a partir da preposição *de*. Dessa forma, a relevância do trabalho tem em perceber definições, pelo autor, como a dupla natureza da linguagem: “ser imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade” (BENVENISTE, 1989, p. 97). Imanente enquanto língua, transcendente enquanto exercício de linguagem.

Além disso, se é possível perceber o sujeito na língua e suas interações significativas. Segundo Flores (2013), “nada em matéria de linguagem pode ser estudado se não se levar em conta o discurso” e indaga se isso já não seria a própria enunciação no pensar de Benveniste, ou seja, o ato da enunciação. No entanto, ainda há poucas pesquisas sobre os diversos sentidos das preposições nas diversas linguagens, principalmente no campo da enunciação.

## REFERÊNCIAS

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. Pontes: Campinas, 1988.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. Pontes: Campinas, 1989.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral**. Tradução de M. da G. Novak et al. Campinas: Pontes, 2005.

CASTILHO, A. T. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In. SOUZA, E. R. et al. **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012.

FLORES, Valdir do Nascimento. Apresentação à edição brasileira. In. BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France 1968-1969**. Trad. de Daniel Costa da Silva [et al.]. 1ªed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

\_\_\_\_\_; TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação**. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

\_\_\_\_\_; TEIXEIRA, Marlene. **Linguística da Enunciação**: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. *ReVEL*, v. 9, n. 16, 2011.

\_\_\_\_\_; SILVA, S.; LICHTENBERG, S.; WEIGERT, T. **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Saussure, Benveniste e a teoria do valor: do valor e do homem da língua**. In: *Letras & Letras*. Uberlândia, 2009.

NORMAND, Claudine. **Convite à linguística**. Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan (orgs.). Trad. De Cristina de Campos Velho Birck et al. São Paulo: Contexto, 2009.

